

mento objectivo ou terminativo: «Elle **se** achou na revolta, e **se** dá ares de innocente.»

Nota. — As fôrmas *o, a, os, as*, prendem-se às vezes como enclíticas ao adverbio de designação *eis*: eil-o, eil-os, eil-a, eil-as.

O reflexivo **se**

612. Largo debate teem provocado as funcções syntacticas do pronome **se**.

Este pronome, chamado reflexivo pela propriedade caracteristica de recambiar a acção verbal para o mesmo sujeito que a practica, não possui em latim, donde nos veio, caso recto. Dahi o principio acceito pela maioria dos grammaticos de não poder ser elle sujeito do verbo no modo finito.

Querem, entretanto, alguns que em certos casos, como — *faz-se a barba*, seja **se** pronome indefinido, significando *alguem*, sujeito do verbo, correspondendo ao *on* francez. Tal analyse é artificial, está em antagonismo com os factos actuaes da lingua e com os seus antecedentes historicos.

Nos seis casos seguintes figuramos todas as funcções do pronome **se**:

- 1.º Elle se feriu — Elle se arroga o direito.
- 2.º Elle se arrependeu — Elle se vae embora.
- 3.º Elle e ella amavam-se reciprocamente.
- 4.º Alugam-se quartos.
- 5.º Vive-se — Entra-se na sala.
- 6.º Ama-se a Bernardes.

1.º caso

1.º *Elle se feriu*. Neste caso, o pronome *se* é *objecto*, e faz recahir ou reflectir a acção verbal para o mesmo sujeito que a practica, tornando-o *agente e pa-*

ciente da mesma acção expressa pelo verbo. O pronome é proeminentemente *reflexivo*, e a voz do verbo se diz *média* ou *reflexa*, devendo o verbo ser *transitivo*. Os pronomes — *me*, *te*, *nos* e *vos* exercem a mesma função reflexa, desde que sejam da mesma pessoa que o sujeito: «Eu me firo, tu te feres, nós nos ferimos, vós vos feris.»

2.º *Elle se arroga o direito*. O pronome *se*, neste exemplo, não é *objecto*, mas o termo de relação ou *complemento terminativo*. Apesar disso, porém, a acção tem um character reflexo apreciavel, e o exemplo caracteriza uma variante do mesmo caso.

2.º caso

1.º *Elle se arrependeu*. O pronome *se* é aqui *objecto* com referencia reflexa ao sujeito; porém a reflexibilidade é attenuada, e o *objecto* é mais *apparente* ou *ficticio* que real. Dá-se este caso com os verbos *pronominaes essenciaes*: *esquecer-se*, *condoer-se*, *abster-se*, *queixar-se*, etc..

2.º *Elle se^t vae embora*. Este typo pode considerar-se uma extensão do typo antecedente. Muitos verbos *neutros* ou *intransitivos* tornam-se *accidentalmente pronominaes*, indicando como estes uma certa reflexibilidade attenuada, na expressão de Andres Bello, uma certa revolução do sujeito sobre si mesmo, dando-lhe *espontaneidade* de acção, communicando graça e energia ao dizer. Percebe-se a differença: «Ella vae embora» e «Ella se vae embora»; «Elle morre de tristeza» e «Elle se morre de tristeza»;—«Si poesia vive entre estes aldeões» e «Si poesia se vive entre estes aldeões» (A. C.);—«Alma minha gentil, que partiste» e «Alma minha gentil, que te partiste»; (C.)—«Elle sahiu bem» e «Elle sahiu-se bem»; —«Elle estava mui descansado em seu palacio» e «Elle se estava mui descansado em seu palacio.» (A. V.)

Era mais commum, nos velhos textos de nossa lingua, esta pronominalidade dos verbos intransitivos.

Hoje convem usar della com criterio e parcimonia, seguindo os bons escriptores modernos.

3.º caso

Elle e ella amavam-se reciprocamente. Neste caso o adverbio *reciprocamente*, ou qualquer outra circumstancia da phrase, mostra que a acção *reflectida* para o sujeito *composto* não recae, entretanto, no individuo que a practica. Com esta differença, a analyse é a mesma que no 1.º caso.

Designam muitos grammaticos esta reflexibilidade especial, chamando ao verbo e ao pronome *reciprocos*.

4.º caso

Alugam-se quartos. Neste caso a acção reflecte-se para o sujeito — *quarto*, porém este é incapaz de a praticar por ser *inanimado*, só a recebe, não pode ser *agente*, só é *paciente*: o verbo ou a voz torna-se *passiva* e o pronome reflexo assume o nome de particula *apassivadora* ou *apassivante* — «*Alugam-se quartos* equivale — a «*Quartos são alugados.*»

O caracter passivo deste caso prova-se:

1.º Porque é manifestamente sujeito o paciente da acção verbal, embora, em regra, posposto ao verbo, visto que impõe a este a concordancia numerica: *Alugam-se quartos* e não *Aluga-se quartos*.

2.º Porque apparece, ás vezes, nos classicos e até em escriptores modernos o agente caracteristico da passiva, regido da preposição *por* ou *de*:

«Aqui enquanto as aguas não refreia
O congelado inverno, *se navega*
Um braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.» (C.)

«Duro nó *pelas mãos do algoz cruento*
Estreitar-se no collo o réo já sente.» (Bocage).

«Os males que *se executam pela mão dos ho-*
mens.» (A. V.)

613. Quando o sujeito é *ser animado* ou tomado *por tal*, e, conseguintemente, capaz de acção, o pronome **se** torna-se objecto, desaparece o character passivo da expressão, a qual, nesta hypothese, se reduz ao 1.º caso: «*Alugam-se* estes homens para ganharem a vida.» — «*Deslizam-se* as aguas serenas e placidas e vão *precipitar-se* na cataracta» — «*Ergueu-se* o astro do dia, attingiu a meridiana, e *inclinou-se* para o seu accaso.»

Convem cautela no emprego destas phrases, afim de evitar ambiguidade, visto que muitas vezes a expressão é passiva, apesar de ser o sujeito ente animado, p. ex.: «Por tudo isto *se admira* Vieira» (A. C.) «O proto-martyr de nossa independencia *chama-se* José Joaquim da Silva Xavier» — «*Convidam-se* os estudantes a se reunirem no Largo de S. Francisco.» Claramente se vê que os sujeitos destas orações — *Vieira, o proto-martyr* e *os estudantes*, são *pacientes* e não *agentes* da acção verbal, sendo ellas por isso *passivas*.

Nem sempre, porém, se revela com a mesma clareza a funcção do sujeito: «*Castigaram-se os culpados*», onde fica duvidoso si o pronome *se* indica *passividade, reflexibilidade* ou *reciprocidade*.

614. As fórmas *me, te, nos* e *vos* tambem funcionam, ás vezes, como particulas *apassivantes*: «Eu *me* baptizei na infancia» — «Vós *vos* chamaes Alexandre.»

615. Tem ainda a mesma funcção *apassivante* o reflexivo *se* na seguinte phrase typica: *Conta-se que elle vive*, em que a oração *que elle vive* é o sujeito-paciente de *conta-se*, equivalente a *é contado*.

Nestas fórmas passivas o *agente* fica, em geral, indeterminado. Por isso o sentido desta ultima phrase

pode ser expresso na seguinte fórmula activa de sujeito indeterminado: *Contam que elle vive.*

5.º caso

Vive-se—Entra-se na sala. Neste caso, o pronome refere-se a um sujeito *indeterminado*: é uma *passiva impessoal*, assim como o antecedente é uma *passiva pessoal*.

Estabelecida esta differença, este *caso* identifica-se com o antecedente, como o 2.º com o 1.º.

Este processo estende-se a todos os verbos neutros usados impessoalmente: «Queremos ir ao céu; mas não queremos ir por onde *se vae* ao céu» (A. V.)—«Só alli *se vive* sem desejo, sem temor, sem esperanza, sem dependencia e sem cuidado algum» (Id.)—«Não *se sabe* d'elle» (Id.)—«Tambem em Roma *se morre*» (Id.)—«A morte tem duas portas; uma porta de vidro por onde *se sae*, outra porta de diamante por onde *se entra* á eternidade» (Id.) — «*Sae-se* por onde *se entra*» (A. C.) «*Morre-se* como *se vive.*»

A passividade deste caso é determinada pela analogia com a lingua-mãe. Para exprimir sentido identico empregava o latim a fórmula passiva de verbos neutros: *vivitur*=*vive-se*, *itur*=*vae-se*, *pugnatum est*=*pelejou-se*.

6.º caso

Ama-se a Bernardes. A phrase — *Ama-se a Bernardes* filia-se manifestamente a este processo geral apassivante do reflexivo *se*, e se identifica, *mutatis mutandis*, com o *caso* antecedente.

Embora o verbo seja *pessoal* e *transitivo*, torna-se elegantemente *impessoal* e *intransitivo*, e o termo *Bernardes* que seria *objecto* na voz activa e *sujeito* na passiva, é posto em relação *terminativa*, que corresponde ao *dativo* latino.

616. Esta *apassivação impessoal* de verbos *transitivos* e, ainda, de alguns *relativos*, evita a confusão que se poderia dar com a *fôrma reflexa* (1.º caso), por ex.: *Louva-se ao juiz—Perdoa-se aos poetas* (S. Saraiva) — *E' muito justo que se respeite aos dotes* (Diogo de Paiva)— *Aquí se obedece aos chefes e se resiste aos soberbos.*

Obs. — A theoria que ahí fica exposta se acha desenvolvida no interessante opusculo — *Ensaio linguístico*, de Othoniel Motta, onde encontramos valiosos subsidios para as soluções do intrincado problema sobre a funcção do pronome *se*. E' manifestamente erronea a theoria de alguns grammaticos que chamam ao *se* pronome *indefinido*, dão-lhe a significação arbitraria de—*alguem*, e fazem-n-o *sujeito* do verbo, auctorizando os seguintes *solecismos*: *Corta-se arvores, concerta-se relogios, compra-se livros usados, applica-se bixas, ferra-se cavallos, aluga-se quartos*. Em bom portuguez se dirá: *Cortam-se arvores, concertam-se relogios, compram-se livros usados, applicam-se bixas, ferram-se cavallos, alugam-se quartos.*

Esta nossa construcção *passiva* com o *reflexivo se* corresponde, quanto ao sentido, á construcção franceza com o pronome *indefinido on*, porém mui diversa é a *syntaxe*.

617. Além dos pronomes *personaes*, existem os pronomes de *reverencia* ou *tractamento* — *V. S.^a, V. M., V. Ex.^a, V. Rev.^a, V. M.^{ce}, Você*, etc., bem como — *Fuão, Beltrano, Fulano, Sicrano, etc.*. Todos esses pronomes são grammaticalmente da 3.^a pessoa, embora os de reverencia se refiram á 2.^a pessoa. Não só, portanto, devem os verbos de que são *sujeitos* concordar com elles na 3.^a pessoa, mas ainda nessa mesma pessoa devem accommodar-se os pronomes *obliquos* e os *possessivos* que a elles se referem:—«*V. S.^a enganou-se em suas conjecturas.* — «*Você se eleva demais em seu proprio conceito.*» — «*O Senhor abençoe este seu filho.*» Sobre o uso destes pronomes transcrevemos as seguintes interessantes observações do Sr. Antonio Feliciano de Castilho:

«*Usamos nós o tractamento de terceira pessoa em vez do de segunda, do vós e tu, tão nobre e tão constantemente seguido por quasi todas, senão todas as*

demais nações. Já tivemos esse também. Quem nos trouxe este não o sei eu. Ou fosse, porém, uma degradação na lingua, ou fosse a furia civilisadora, o certo é que com elle temos de luctar. E não se extranhe a palavra *luctar* de que uso, porque entalado entre a necessidade de acceitar as practicas contemporaneas, para ser verdadeiro, e a necessidade de conservar a dignidade a que tal practica evidentemente se oppõe, para ser conveniente e nobre, as deligenciaes do que tentar satisfazer ambas estas imperativas necessidades tornam-se uma verdadeira e mui seria lucta.»

618. Em uma carta ou em qualquer outro escripto, é de regra que guardemos uniformidade no uso do pronome escolhido. Todavia casos pode haver em que um motivo superior determine o rompimento dessa uniformidade. São pertinentes ao caso as seguintes palavras do mesmo illustre escriptor acima citado:

«Em algumas scenas se extranhará talvez que D. Caterina para Camões, e Camões para D. Caterina alternem o *vós* e o *tu*; si defeito é, confesso que o puz de proposito. Entendi eu, por o ter observado mais de uma vez na vida real, que essas incertezas continham verdade; e exprimiam as hesitações naturaes que se padecem, quando, especialmente sem concordata prévia, se passa do tractar cerimoniaico para o tutear. Demais, a posição em que elles se acham um deante do outro neste drama auctorisava e persuadia taes variedades.»

619. *Si, consigo*, são casos obliquos do reflexivo *se*, e como taes se referem sempre ao sujeito de seu verbo: «*Pedro fala consigo*» e «*Paulo está fóra de si.*»

Nota. — Ha uma tendencia erronea para despojar estas fórmas de valor *reflexivo* e referil-a a pessoa com quem se fala: *Eu falo consigo*, em vez de—*Eu falo contigo, convosco* ou *com o Sr.*

VERBO

Vozes

(§§ 219, 242, 266)

620. **Vozes** do verbo são as diversas maneiras de se relacionar o *predicado* com o *sujeito*. A voz se diz *activa*, si o sujeito é o *agente* da acção verbal; *passiva*, si o sujeito é *paciente*, e *média* ou *reflexa*, si o sujeito é *agente* e *paciente* ao mesmo tempo, por ex.: «*Eu* conheço, *eu* sou conhecido, *eu* me conheço.»

621. Para a voz *passiva* e para a *média*, *reflexa* ou *médio-passiva* não ha forma *synthetica* ou expressão simples, como ha no grego e no latim; porém empregamos formas *periphrasticas*, *compostas* ou *analyticas* (§§ 219 N.)

622. O **agente** da *passiva* é expresso por um *complemento terminativo*, chamado de *causa efficiente*, regido da preposição **por** ou **de**, exs.: «O exercito foi repellido *pelo inimigo*» — «Elle é amado *de todos*» — «Prostrado *pelo cansaço*, o guerreiro succumbiu» — «Mares que se navegam *do feio phoca*» (C.) — «O réo sente estreitar-se duro nó, no collo, *pelas mãos* do algoz cruento» (Bocage) — «Mandou-o prender *pelo soldado*.»

623. Já estudámos os diversos processos da lingua para a formação da *passiva* (§ 266), cumpre-nos agora discriminar-lhes o uso. Como vimos, tres são esses **processos**:

1.º Com o verbo *ser* e *estar* e o *participio pasado* ou *passivo* de qualquer verbo *transitivo*: *ser amado*, *estar condemnado*.

Nota.—Com alguns outros auxiliares do infinitivo pode-se ainda indicar a voz *passiva*: «Elle *ficou condemnado*». -- «Elle *veio desacompanhado* de seu paranympo.»

2.º Com o *pronome reflexivo se*, quando o sujeito não é *agente* ou por ser incapaz da acção verbal, como *ente inanimado*, ou porque o sentido mostra que não o

é: «*Escrevem-se cartas*, isto é, *cartas são escriptas*»— «Por tudo isso *se admira Vieira, a Bernardes admira-se e ama-se.*» (A. C.)

3.º Com o *infinito na fôrma activa*, servindo em certas locuções de *complemento de verbo* ou de *adjectivo*: «Mandou-o *prender* á ordem do chefe de policia, isto é, mandou *ser elle preso*»—«Fados não se consentem *rogar*» (B. R.), isto é, *ser rogados*—«Duro de *roer*, isto é, de *ser roido*»—«Ouvi-o *louvar* por todos.» (Gr. J. Ribeiro)—«Fizemol-o *carregar pela cavallaria*» (Ib.)—«Não é para *imitar* tal exemplo»—«A casa está para *alugar*»—«Seria para *desejar* que elle viesse»—«Isso de *tirar* e *pôr* principes *pelo povo*, são opiniões mal soantes.» (A. H.)

624. Cumpre notar que o verbo *ser* se emprega elegantemente como auxiliar dos tempos compostos de certos verbos *neutros* ou *intransitivos*, pelos verbos *ter* e *haver*, sem qualquer idéa de *passividade*: «*E' nado* o sol»—«*São chegados* os ultimos dias»—«Já cinco sóes *eram passados.*»

Nota.—Elegantemente se emprega ás vezes o verbo *ser* pelo *estar*: «Eu *serei (estarei)* convosco em Inglaterra.» (C.)

625. Emprega-se de preferencia a passiva com o verbo *ser* e *estar*, quando queremos enunciar o facto com clareza e precisão, mencionando ou, ás vezes, deixando de mencionar o agente: «As cartas *foram escriptas* pelos secretarios»—«As arvores já *estão cortadas*»—«Os quartos *foram alugados* aos estudantes.»

626. A passiva com o pronome reflexivo *se* é preferida quando, sendo o sujeito *ser* inanimado, queremos enunciar o facto vagamente, e não denunciar o agente: «*Escrevem-se* cartas»—«*Cortam-se* arvores»—«*Alugam-se* quartos.»

627. Não é, todavia, absolutamente vedado, si bem que raro modernamente, ter estas fôrmas pas-

sivas o *agente expresso*, exs. : «*Por mim se augmentará o numero de teus dias, e accrescentado serão novos annos á tua vida.*» (A. P.) «*Os males que se executam pelas mãos dos homens.*» (A. V.)

Duro nó *pelas mãos* do algoz cruento
Estreitar-se no collo o réo já sente (Bocage)

..... *se navega*

Um braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano (C.)

628. Só podemos empregar esta *fôrma passiva* com sujeito representado por *ente animado*, capaz de acção, quando não houver perigo de ambiguidade com a *voz média* ou *reflexa*: «*Convidam-se as testemunhas a comparecerem*»—«*Elle se chama Pedro*»—«*Por tudo isso se admira Vieira, a Bernardes admira-se e ama-se*» (A. C.)

629. Para evitar a possível confusão em certos casos com a *voz média*, fixou a lingua o sujeito *depois* do verbo, nessas phrases passivas; comtudo apparece, ás vezes, o sujeito anteposto: «*O amor vende-se? a gloria vende-se? a alma vende-se?*» (A. C.)

Conversão da activa para a passiva

630. Uma oração da voz activa com o verbo transitivo passa para a passiva sem alterar o seu sentido, observando-se as seguintes regras:

1.º O *objecto* da activa passa para *sujeito* da passiva;

2.º O *sujeito agente* da activa passa para *complemento terminativo de causa efficiente*, regido da preposição **por** ou **de**, que é o agente da passiva;

3.º O verbo vae para o tempo correspondente da *fôrma passiva*, auxiliada pelo verbo *ser*;

4.º Quaesquer outros termos da oração ficam intactos.

Exs. : «No passo de Itororó *os brasileiros seguiram* corajosamente ao *marquez de Caxias* = No passo de Itororó *o marquez de Caxias* foi seguido corajosamente pelos *brasileiros*.»

«Aquelle *que eu vi* e *aquelle que me viu*, são pessoas diferentes» = «Aquelle *que foi visto por mim* e *aquelle pelo qual eu fui visto*, são pessoas diferentes.»

Nota.—O verbo *poder*, empregado transitivamente—*Elle pode fazer tudo, elle pode tudo*, não se presta à conversão ou inversão passiva, pois não se diz: *Fazer tudo é podido por elle, tudo é podido por elle*.

MODOS

631. **● indicativo.** «O *indicativo* é o modo da realidade.» Elle exprime de modo real e categorico o *facto verbal*, em um juizo *affirmativo, negativo* ou *interrogativo*, nas diversas epochas do tempo: *Eu estudo* — *Não irei* — *Que fizeste?*

632. **● condicional.** O *condicional* nasceu, no portuguez e nas linguas congeneres, da agglutinação do imperfeito do indicativo do verbo *haver* (*havia*) com o presente do infinito de outros verbos: *amar havia* — deu *amaria*, fórmula agglutinada e contracta. A noção de tempo nesta fórmula é obscura: pode ser *presente* — «*Eu falaria* agora mesmo com elle, si pudesse»; pode ser *futuro* — «*Eu falaria amanhã* com elle, si pudesse.» Na fórmula composta a idéa de tempo é definitiva: «*Eu teria falado hontem* com elle, si tivesse podido.»

Sahido do indicativo, não raro é este modo substituido por tempos do *indicativo*: «Ainda falta por dizer o que mais vos *havia* (= *haveria*) de destruir e assolar» (A. V.) — «Este modo de accrescentar fazenda... tambem me *atrevêra* eu (= *atreveria* eu) a dizer que *era* (= *seria*) bom, se, neste mundo, não houvera

uma conta, e, no outro mundo, outra. Se no outro mundo não houvera inferno, e, neste mundo, não houvera justiça, *era* (= *seria*) muito bom.» (A. V., apud Grivet).

633. **● Imperativo.** «O *imperativo* é o modo da necessidade»; pois exprime uma *ordem* ou *supplica*, discriminada pelo tom próprio de quem manda ou de quem pede: «*Dá-me* isso, eu te ordeno», ou — «*dá-me* isso, eu te rogo.»

634. O *imperativo* repelle a negativa; havendo negativa, é substituído o imperativo pelo *subjunctivo*. E' incorrecto dizer-se: «*Não fazei* caso disso, *não condemnae* o réo»; usar-se-á do presente do subjunctivo: — «*Não faças* caso disso, *não condemneis* o réo.»

635. **● subjunctivo.** O *subjunctivo* ou *conjunctivo* «é o modo da possibilidade.» Em regra, elle se prende a outro verbo, sob cuja dependencia se acha (*sub-junctus* = *posto debaixo*). Nesta dependencia é elle empregado quando o facto é duvidoso ou indeterminado; no caso contrario é elle substituído pelo indicativo, exs.:

Duvido que *vençam*
 Creio que elle *seja bom*
 E' incerto que *venha*
 Não sei quem *escreva*
 Irei para onde não *possas* ir
 Ensina caminho que *vá* ter ao Céu
 Não conheço pintor que *faça* este quadro

Asseguro-te que *vencem*
 Creio que elle *é bom*
 E' certo que *vem*
 Sei quem *escreve*
 Irei para onde não *podes* ir.
 Ensina-me o caminho que *vae* ter ao Céu.
 Não conheço o pintor que *fez* este quadro.

636. O *subjunctivo* emprega-se ainda em phrases isoladas para exprimir *desejo*, *concessão*, *duvida*: — «*Seja* feliz» — «*Passe* bem» — «*Morra* Sansão e os que aqui estão» — «Emquanto temos tempo, *façamos* bem a todos.» (A. P.)

Nota.—O adverbio *talvez*, precedendo ao verbo, pede o *subjunctivo*, e posposto, o *indicativo*: «*Talvez seja* isso exacto» — «Isso *é talvez* exacto.»

637. **● infinitivo.** O *infinitivo* ou *infinito* é um nome verbal, e as suas varias fórmãs — *amar*, *amando*, *amado* — são *fórmãs nominaes* do verbo, em que a noção de tempo apenas transparece.

TEMPOS

(§ 223)

638. **● presente do indicativo.** Emprega-se elegantemente este tempo:

1.^o Pelo *preterito-perfeito* simples no estylo narrativo: «Napoleão *chega* (= *chegou*) em Waterloo, *dispõe* (= *dispoz*) suas forças, *trava* (= *travou*) combate e *é vencido* (= *foi vencido.*)» Chamam-lhe *presente historico*.

2.^o Pelo *futuro imperfeito*, quando se annuncia um acontecimento proximo: «*Parto amanhã* (= *partirei*)» — «*Em uma hora estou lá* (= *estarei lá*)» — «*Na proxima semana vou ao Rio* (= *irei ao Rio.*)»

3.^o Pelo *futuro imperfeito* do subjunctivo, quando se quizer dar mais energia á expressão: «*Si replicas*, esmago-te (= *si replicares*, esmagar-te-ei)» — «*Si queres* (= *quizeres*) ser pobre sem o sentir, mette obreiros e deita-te a dormir» (M. B.) — «*Si os olhos vêem* (= *virem*) com amor, o corvo é branco.» (A. V.)

639. **● imperfeito do indicativo.** E' um tempo este de *dúpla relação*: relaciona-se com o *acto* da palavra, e com um *facto* contemporaneo no passado: «*Eu escrevia* a carta, quando o trem *chegou*.» O *acto* de escrever era passado em relação ao *acto* da palavra, porém presente ou contemporaneo á *chegada* do trem. Emprega-se ainda para designar um acontecimento habitual ou continuado:

«No tempo que do reino a redea leve,
João, filho de Pedro, *moderava*.
Depois que socegado e livre o teve
Do vizinho poder que o *molestava*
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, *semeava*
A fera Erinny's dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.» (C.)

640. **● preterito perfeito simples** indica um acto completamente *feito* ou *perfeito*, ao passo que o **composto** indica um acto que, practicado no *passado*, estende seus effeitos até o *presente*, e, ás vezes, substitue o seu simples em acto practicado recentemente: «Eu *li* este livro» e «*Eu tenho lido* este livro»--O orador diz ao acabar o discurso: *Disse* ou *tenho dicto*.

641. **● preterito mais que perfeito do indicativo.** Era commum entre os classicos empregar este tempo tanto na fórma simples como na composta, pelos tempos do condicional; por isso muitos grammaticos o consideram, além de preterito mais que perfeito do indicativo, tambem 2.^a fórma do imperfeito do condicional: «E si Deus não *cortara* a carreira ao sol com a interposição da noite, *fervera* e *abrasara-se* a terra, *arderam* as plantas, *seccaram-se* os rios, *sumiram-se* as fontes, *foram* verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.» (A. V.) — «Senhor, si tu *houveras estado* aqui, não *morrera* meu irmão.» (A. P.)

Nota. — O emprego desta 2.^a fórma do imperfeito do condicional, determina, como se vê nos exemplos acima, a mudança do imperfeito do subjunctivo pela fórma do mais que perfeito do indicativo: «Si *houveras estado* aqui, não *morrera* meu irmão=Si tu *houcesses estado* aqui, não *morreria* meu irmão.»

642. **● futuro imperfeito do indicativo.**
Emprega-se este tempo:

1.^o Pelo *presente do indicativo* nas phrases *dubitativas* ou *exclamativas*: «A esta hora quantos não *estarão* com fome!»

2.º Pelo *presente do imperativo* e do *subjunctivo*: «*Farás* o que te mando»—«*Não furtarás*»—«*Não dirás* falso testemunho contra teu proximo»—«*Não cubiçarás.*»

643. **O presente do imperativo** é substituído:

1.º Pelo *presente do subjunctivo*, sempre que a phrase fôr *negativa*: «*Não faças* a outrem o que não queres que te façam a ti.»

2.º Pela 3.ª *pessoa do subjunctivo*, quando quermos attenuar o imperativo: «*Fale* alto, *falem* alto, *seja* bom, *sejam* bons».

3.º Pelo *presente do infinitivo*: «*Deixar* falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda especie.» (G.)

Nota. — Não possuindo o presente do imperativo a 1.ª e a 3.ª pessoa, tanto do singular como do plural, é esta falta supprida pelas respectivas pessoas do *presente do subjunctivo*: «*Morra* eu e *viva* a patria.»

644. **O presente do infinitivo** é um substantivo verbal, que, *puro* ou *preposicional*, funciona na phrase, ora como *sujeito*, ora como *objecto*, *predicado* ou *complemento*: «*Viver* é *luctar*—*Quero* *apprender*—*De falar* a *dizer* vae distancia.»

645. E' *idiotismo* do portuguez flexionar-se o presente do infinito, dando-nos assim o **infinito pessoal** e o **impessoal**.

Regras para o uso do infinito pessoal e impessoal

646. Para o correcto uso do *infinito pessoal* e *impessoal*, temos duas regras, uma formulada por Jeronymo Soares Barbosa, em sua *Grammatica Philosophica* (1803), e a outra por Frederico Diez, em sua *Grammatica das Linguas Romanicas* (1836-1844).

647. **Regras de Soares Barbosa:**

1.º Usa-se o *infinito pessoal*, quando tem elle *sujeito proprio*, diverso do de seu verbo regente; e o *impessoal*, quando os sujeitos são *idênticos*:

Pessoal

Afirmamos (nós) *estarem* (elles) promptos.

O bom cavalleiro sentiu as azas da morte *roçarem-lhe* frias pela frente e *gelarem* as bagas de suor. (A. H.)

Julgo *seres* tu sabedor.

Creio *termos sido* enganados.

A *haverem* de chegar amanhã, está tudo preparado.

Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus. (F. Mendes Pinto.)

Impessoal

Afirmamos (nós) *estar* (nós) promptos.

Elles sentiram *estar* longe da patria.

Queres *fazer* este trabalho.

Julgamos *ter feito* bem.

Hontem disseram elles *ter* de *partir* amanhã.

Trabalha, meu filho, para *agradar* a teu pae.

Desejamos *trabalhar*.

Folgarás de *ver*.

2.º Usa-se ainda o *infinito pessoal*, quando o infinito é empregado como *sujeito*, *predicado* ou *complemento* de preposição, em sentido não já abstracto, mas pessoal, exs.: «O *louvares-me* tu me causa novidade.» — «Para me *louvares* com verdade, farei aquillo de que me louvas.» — «Os maus, com se *louvarem*, não deixam de o ser.»

648. **Regra de F. Diez:**

Só se emprega o *infinito pessoal*, quando é possível ser substituído por um modo finito, e, por consequencia, pode elle subtrahir-se á relação de dependencia que o prende ao verbo principal. E' indifferente que esse infinito tenha sujeito proprio ou não, exs.:

Tempo é de *partires* = de que tu partas.

Basta *sermos* dominantes = que sejamos dominantes.

Não me espanto *falardes* tão ousadamente = de que faleis.

Viu *nascерem* duas fontes = que nasciam.

Não has vergonha de *ganhares* tua vida tão torpemente = de que ganhes.

Todos são alegres por *terem* paz=porque teem paz.

Folgarás de veres (C.) = de que vejas.

Que traça dariam para todavia *comerem* até fartar-se? (M. B.)=para que comessem.

Aqui, alguns mancebos mais destros fingiam *accommetter-se, pelejarem, vencerem, serem* vencidos (A. H.) = que se *accommettiam, pelejavam*, etc..

Assaz mostraste *seres* cabal para dizer verdades (A. C.) = que és cabal.

Obs. — Ambás as regras desses mestres eminentes são boas, pois encaram o mesmo problema por duas faces differentes; ambas se completam na parte em que não se contradizem, e servem de fio conductor no labyrintho do uso classico do infinito pessoal. Porém ambas ficam aquém dos factos, que, em grande variedade e incerteza, não se subordinam á disciplina grammatical. Contra a theoria de S. Barbosa, insurgem a cada passo *factos* de incontestavel vernaculidade classica, muitos dos quaes vão egualmente fazer rosto ao eminente grammatico allemão. Por exemplo: «Não nos deixeis *cahir* em tentação» — «Deixae *vir* a mim os pequeninos» — «Fazei-os *sentar*», são phrases em que os infinitos — *cahir, vir, sentar*, teem sujeito proprio, podem ser substituidas por phrases do modo finito; e, todavia, são pelos classicos usadas no infinito impessoal. Notemos ainda, nos dois ultimos exemplos de Herculano e de Castilho, a liberdade com que elles amenizam a monotonia das flexões pessoaes, deixando de flexionar dois verbos (*accommetter, dizer*), que tinham o mesmo motivo que os outros para se pôrem no infinito pessoal. Desta liberdade encontramos frequentes exemplos nos classicos. — Será, de certo, de utilidade supplementarmos a estas regras geraes dos dois mestres, com alguns conselhos especiaes.

649. **Regras especiaes:**

1.^a Todas as vezes que o *sujeito* do infinito se relaciona ou pode relacionar-se com o verbo regente como *complemento objectivo* ou *terminativo*, emprega-se de preferencia o *infinito impessoal*, não obstante as regras dos dois mestres:

Não nos deixeis *cahir* em tentação. (A. P.).

Deixae *vir* a mim os *pequeninos* (A. P.) (deixae-os *vir*).

Fazei-os *sentar*. (A. P.)

Peço-vos *mandar* inscrever-me.

Provoca os *filhos* a *voar* (L. de S.) (provoca-os a *voar*).

Fazemos *trabalhar aos elementos.* (A. V.)

Até o *sol* e a *lua* e as *estrellas* não deixamos *estar* ociosos (A. V.)

Dissera o dono do campo a seus criados que tractassem de metter a fouce, se vissem *estar os pães* sazoados (M. B.)

Obrigae-nos a *confessar* que sois amigos dos brasileiros (M. Alverne).

Não *vos* ensinou a *temer.* (J. F.)—Napoleão viu *seus batalhões cahir.*—Mandou Rumeção *entrar quinhentos turcos* pelas minas do baluarte abrasado. (J. F.)

Nota. — Chama o illustre Dr. A. Freire da Silva a este phenomeno *latinismo*, pois que elle se dá quando o sujeito do infinitivo tem força de accusativo latino: *Sperare nos amici jubent* = *Nossos amigos nos mandam esperar.* Não raro encontra-se em bons escriptores transgressão deste principio.

2.^a Exige a clareza a *fôrma pessoal* quando os infinitos preposicionaes *precedem* aos verbos regentes, ou quando delles se *distanciam*: «Verdade sem *trabalhares* e *padeceres* não as *verás* tu jamais.» (M. B.) — «*Foram* dous amigos á casa de outro afin de *passarem* as horas de sesta.» (M. B.) — «*Deixas* crear ás portas o inimigo por *ires* buscar outro de tão longo.» (Gr. de B. de Oliveira) — «Bem a ponto *acodem* os loiros, mestre, para vos *desenganarem*» (A. C.) — «*Bastam* os frios de Coimbra, para *satisfazerem* a vontade de meus amigos.» (A. V.)

Obs.—Melhor iria este ultimo exemplo no impessoal. segundo Sotero, a não ser que antepuzessemos o infinito: «Para *satisfazerem* a vontade de meus amigos, *bastam* os frios de Coimbra.» A mesma critica podemos applicar ao exemplo antecedente de Castilho, si bem que ahi esteja mais distanciado o infinitivo do verbo regente. O facto é que reina neste ponto entre os bons escriptores grande liberdade, e o criterio seguro é a euphonia e a clareza.

3.^a Quando o infinito é regido da preposição **a**, em phrases semelhantes ás seguintes, deve-se empregar a *fôrma impessoal*:

As lagrimas *a cahir-lhe.* (A. C.)

E lá Entre-Douro-e-Minho aquelles cavalleiros *a pelear* (A. C.)

Enormes calderões *a ferver* (G.)—E tu *a reprovar* (C. C. B.)—Os sanctos *a prégar* pobreza, e seguil-a em tudo; e eu que me metta em fausto. Os sanctos *a persuadir-me* humildade, e *metter-se* debaixo dos pés de todos; e eu que mostre brios e ufancias!» (L. de S.)

Nota.—Taes locuções são variantes de verbos periphrasticos gerundiaes: «As lagrimas a cahir = estão a cahir ou cahindo», etc.. Ha nesses exemplos a ellipse do verbo regente que justifica a *fôrma impessoal*, tornando-a obrigatoria, segundo Grivet: «As lagrimas estão a cahir, aquelles cavalleiros estão ou estavam a pelear, eram enormes calderões a fover, etc.» Apesar desta ellipse que mostra ser o sujeito do infinito identico ao do verbo regente proximo, encontram-se exemplos do pessoal: «Saccos de farinha a *rolarem*» (A. H.)—«Futuros a *rasgarem-se*» (C. C. B.)—«Era a revolução e a democracia a *enfiltrarem-se* em toda a parte» (L. C.)—«E instantes destes a *perderem-se*» (A. C.)—«Pareciam serpentes negras a *collearem* pela ribanceira.» (C. C. B.)

4.º Emprega-se geralmente a fôrma impessoal, quando o infinito preposicional é regido de substantivo ou adjectivo, do seguinte modo:

Estancias de proposito *fabricadas para hospedar* os peregrinos. (M. B.)

Affrontas duras de soffrer

Pennas para escrever cartas

Instrumentos para lavar a terra

Desejosos de alcançar victoria

Destinados a conseguir grandes cousas.

Nota.—Encontram-se muitas vezes na fôrma pessoal, quando o infinito não tem sentido passivo: «Olhos tão *cançados de a chorarem* ao longe.» (A. C.)

650. Como se vê, o emprego do infinito impessoal é assumpto sobre que não se podê dogmatizar. Talvez que a unica regra absoluta seja a seguinte: Não se emprega o infinito pessoal, quando, sendo o sujeito identico ao do verbo regente, não é elle conversivel no modo finito, exs. :

«Queremos ser felizes»	e nunca	«Queremos sermos felizes»
«Podes falar»	» »	«Podes falares»
«Deveis de estar cançados»	» »	«Deveis de estardes cançados»
«Havemos de ser approvados»	» »	«Havemos de sermos approvados»
«Elles começaram por dizer a verdade»	» »	«Elles começaram por dizerem a verdade»
«Has de ser»	» »	«Has de seres»
«Podemos utilizar-nos»	» »	«Podemos utilizarmo-nos»

Obs.— Deante desta regra não se podem tachar de erradas as seguintes phrases: «*Afirmavam os zagaes terem visto*» (A. H.), isto é, *que tinham visto* — «*Assaz mostraste seres cabal para dizer verdades*» (A. C.), isto é, *que és cabal*. — «*Dos vencidos Tapuyas inda chorem serem gloria e brasão d'imigos feros.*» (G. D.) O mesmo não se pode dizer dos seguintes trechos: «*Não que queiramos recommendarmo-nos a vosso conceito.*» (A. P.) — «*Miquéas, devemos nós ir pelejar contra Ramoth de Galaad, ou ficarmos quedos?*» (A. P.) «*Deviamos de satisfazermos*» (F. M. M.).

Nos outros casos, deve reger o gosto literario o ouvido culto e o criterio grammatical do escriptor. A **harmonia** da phrase e a **clareza** da expressão são as duas leis reguladoras do emprego *correcto* do infinito pessoal. As *regras especiaes* que ahi ficam só teem valor à luz destes dous grandes principios. As regras absolutas dadas pelos grammaticos são artificiaes, não condizem com os *factos* do idioma vernaculo, e lançam a confusão no espirito dos escriptores principiantes.

651. **Participios.** São dous os participios: o *participio activo* (*amando*) e o *participio passivo* (*amado*). *Partipam* da natureza do verbo, conservando a respectiva regencia, e da natureza do adjectivo, modificando um substantivo. São, pois, *adjectivos verbaes*: O *homem amando seus concidadãos*, o *homem amado por seus concidadãos*.

652. O **participio activo**. O participio *activo*, em sua fórmula simples, é *presente*: — «O filho *amando* seus paes»; e na sua fórmula composta é *passado*: «O filho *tendo amado* seus paes.» O participio *amando* exprime a *actividade* do sujeito ou *substantivo* modificado — *filho*, a qual se exerce directamente no objecto